

## A deliberação humana\* - 24/02/2018

[([https://www.blogger.com/blogger.g?blogID=7718081438042230655#\\_ftn1](https://www.blogger.com/blogger.g?blogID=7718081438042230655#_ftn1))] Se a consciência é juiz incompetente em matéria de vontade, também a percepção exterior o é, pois se volta para fora. Então, não é de nossa vontade que se trata, mas da dos outros seres que se apresentam a nós. A energia cognitiva deve se concentrar no exame desse objeto exterior através da lei da causalidade, que nos é conhecida *a priori*, e versa sobre fenômenos que aparecem a partir de causas e efeitos com regressão infinita (efeito=<causa=<efeito=<causa... não se descobre o ponto inicial!). Para Schopenhauer, a forma geral de nossa inteligência é dada pelo princípio de causalidade kantiano, por ele recuperado como princípio de razão suficiente, e significa que, dada uma causa, há produção do efeito, *necessariamente*. Assim, todos os seres da experiência que nos são dados como objetos reais, divididos em inorgânicos, vegetais e animais, estão submetidos a esse princípio, nas seguintes formas motoras: 1) Causalidade, 2) Excitação e 3) Motivação.

A causalidade é caracterizada pelas segunda e terceira lei de Newton (identidade de ação e reação e intensidade do efeito proporcional à intensidade da causa) e governa as mutações mecânicas, físicas e químicas distintivas dos corpos inorgânicos. A excitação governa o desenvolvimento da vida vegetal e não segue as leis de Newton. Por isso, há um grau de excitação que ultrapassado produz resultado inverso. Por exemplo, a água faz a planta crescer, mas, em excesso, a faz morrer. Já a motivação é distintiva dos seres animais e supera as excitações, dado que as suas necessidades são mais complexas e seus movimentos dependem da escolha de diversos motivos. Essa é a vontade, representação da inteligência guiada por um objeto exterior. Ao passo que a excitação se dá pelo contato imediato da causa excitadora (luz, por exemplo) com o efeito no objeto por intermédio da atmosfera, o intermediário da motivação é a inteligência e, independentemente de que distância um objeto esteja do sujeito, não se poderá prever a influência que será exercida sobre ele. Há a atividade de uma “força vital” nos vegetais, aparente, e a atividade de uma força natural nos animais, que se esconde no interior de cada consciência. Essa mola propulsora é caracterizada por Schopenhauer como a vontade, que conduz o nosso movimento e é comparada à *coisa em si* de Kant.

Como os animais não passam da representação sensível, eles agem influenciados pelos objetos que lhe são *acessíveis* em determinado momento. Esse é o instinto animal, guiado sempre por um motivo mais forte que determina sua

vontade. Já a inteligência humana é muito superior à de outros animais, pois, pelo poder de abstração da razão, combina palavras em conceitos universais pela faculdade do pensamento e forma representações não sensíveis através das quais pensa e reflete e agrega, para sua escolha, \_objetos ausentes além dos objetos exteriores que a influenciam\_. Na maioria das vezes, são esses pensamentos que orientam a ação e não o que se apresenta externamente naquele momento. Tal existência interior revela a \_intencionalidade\_ da ação humana, desconhecida dos animais. Mas a diferença não passa disso: o pensamento do homem se torna um novo motivo que pode, por força do intelecto, ser revisitado quando a vontade se encontra sob a causalidade oriunda da percepção exterior. Essa operação é a deliberação.

\* \* \*

(\*) Schopenhauer, Arthur. O Livre Arbítrio \- Col. Saraiva de Bolso.  
Considerações iniciais do capítulo terceiro (p. 51-63).

**Evaluation Warning: The document was created with Spire.Doc for Python.**